



Vladimir Lênin e Leon Trotsky celebram o segundo aniversário da revolução em Moscou (1919).

CONHECER O EXEMPLO PARA NÃO REPETIR OS MESMOS ERROS

A Revolução Russa de 1917 e a esquerda latino-americana

POR KLAUS MESCHKAT*

Quando os bolcheviques voltaram do exílio e ascenderam ao poder no início de novembro de 1917 em Petrogrado por meio de um golpe armado, viram-se como a vanguarda de uma revolução mundial prestes a eclodir. A Revolução Russa seria um prelúdio, justificando a conquista do poder constituído em nome de um proletariado que na própria Rússia representava apenas uma minoria da população. Num primeiro momento, de modo bastante “eurocêntrico”, as esperanças revolucionárias internacionalistas se concentraram no proletariado dos países industrializados desenvolvidos – a Alemanha em primeiro lugar.

“(...) a causa do México revolucionário e a causa da Rússia constituem uma causa da humanidade e o interesse supremo de todos os povos reprimidos”

Emiliano Zapata

O mundo fora da Europa ainda não estava na “fotografia”. Foi só depois do fracasso de revoluções proletárias na Europa Ocidental e Central que o potencial revolucionário de movimentos de libertação nacional nas colônias e nas semicolônias começou a ganhar mais relevância estratégica para os bolcheviques. Compreensivelmente, em um primeiro momento, eles se voltaram para os “povos do Leste” limítrofes ou as nações que faziam parte do próprio império russo, enquanto a América Latina permaneceu distante durante muito tempo, não só em termos geográficos.

É verdade que, ainda antes da Revolução de Outubro, no México se inicia uma das grandes revoluções do século XX. Mas a ressonância na Europa da Primeira Guerra Mundial e do pós-guerra foi limitada, ao mesmo tempo que, no México, a ala mais radical da revolução já percebia a relevância histórica da Revolução Russa e buscava conectar-se com ela.

Assim, Emiliano Zapata escreveu em fevereiro de 1918 a um amigo: “Nós e a justiça humana ganharíamos tanto se todos os povos da nossa América e todas as nações da velha Europa compreendessem que a causa do México revolucionário e a causa da Rússia constituem uma causa da humanidade e o interesse supremo de todos os povos reprimidos”¹ Na mesma carta, Zapata fala da “analogia visível, do nítido paralelismo, da absoluta igualdade entre o movimento russo e a revolução agrária no México”. Na mesma época, o ativista e teórico do movimento anarquista mexicano, Ricardo Flores Magón, enxergava no movimento russo de outubro o início de uma grande revolução mundial.

Foi dessa maneira que se recebeu a mensagem de Petrogrado em outros lugares. A queda da velha ordem na Rússia

serviu de estímulo para que pessoas exploradas e reprimidas de todos os países se levantassem contra o poder constituído. Nas primeiras notícias sobre os soviets russos, sobretudo os anarquistas e os anarcossindicalistas de vários países latino-americanos encontraram uma confirmação de sua própria doutrina.

No entanto, o entusiasmo inicial se transformou em decepção e distanciamento dos bolcheviques quando se tornou nítida a sua relação puramente instrumental com a República, baseada em conselhos democráticos. A desilusão instalou-se de modo definitivo depois de março de 1921, quando a insurreição na comuna de Kronstadt foi esmagada pelo Exército. Naquele momento, o anarquista mexicano Ricardo Flores Magón empregou palavras duras contra a “ditadura de Lênin e Trotsky”²

Na Argentina, os efeitos da Revolução Russa de outubro se fizeram sentir mais cedo e de forma mais imediata do que em outros países da América Latina. A grande quantidade de imigrantes europeus, originários principalmente da Itália e da Espanha, mas também da Alemanha, da Inglaterra e da Rússia, fez que o país se orientasse mais fortemente pela Europa, inclusive nos primórdios dos movimentos operários no país.

Em 1916, os debates internos do Partido Socialista, fundado em 1896, eram dominados pelo ingresso da Argentina na guerra ao lado da Trílice Entente (Inglaterra, Rússia e França), contra os Poderes Centrais (Alemanha e Império Austro-Húngaro), decisão do governo apoiada pela liderança reformista da agremiação. A oposição dentro do próprio partido – que, de modo análogo aos adversários bélicos na Europa era contrária à participação do país em uma guerra imperialista – cindiu-se e resultou na fundação do Partido Socialista Internacional que, depois da Revolução de Outubro, foi a célula germinal do Partido Comunista na Argentina.

¹ Citação segundo Daniela Spenser e Rina Ortiz Peralta, *La Internacional Comunista en México: los primeros tropiezos (Documentos, 1919-1922, Cidade do México, 2006, p.23)*.

² *Idem, p.23.*

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO COMO PARTE DE UM MOVIMENTO GLOBAL DE RENOVAÇÃO

Nesses conflitos, coube papel de destaque a alguns intelectuais progressistas que conseguiram se fazer ouvir não apenas no âmbito do Partido Comunista – que, no início, somava poucos membros. Eles também foram os porta-vozes da reforma universitária de Córdoba em 1918. O movimento originado naquela cidade situada na província argentina homônima logo encontrou eco na América Latina inteira. A reivindicação por uma democratização total da universidade foi compreendida como voz que fazia coro com um movimento global contra todas as autoridades constituídas, em consequência dos horrores da guerra mundial encenada pelos poderosos. Vista a partir desta perspectiva, a Revolução Russa extrapolava a mera tomada do poder por parte de um grupo de revolucionários. Mais que isso, inscreveu-se “em um movimento político-cultural global de renovação de ideais e valores, contra os quais se levantam

teimosos, os velhos fantasmas – fantasmas da rotina da doutrinação, do temor do novo, da mentira, da ignorância, do convencionalismo”.³ José Ingenieros, um dos mais influentes intelectuais de esquerda da época, professava abertamente a sua simpatia por Lênin e Trotsky. Enxergava a Revolução de Outubro sobretudo como um rompimento com a velha ordem, de certa forma um fenômeno cultural-revolucionário que merecia ser admirado de longe, mesmo sem conhecimentos muito precisos acerca dos acontecimentos na Rússia. Outros porta-vozes da reforma universitária se referiam da mesma forma ao exemplo russo.⁴ Nos primórdios do movimento operário latino-americano, no entanto, havia indivíduos e grupos que preferiam não se aproximar dos bolcheviques apenas pelo caminho da idealização de um exemplo distante. Buscavam uma relação real com a Rússia – seja por meio de mensageiros da revolução autodenominados ou autorizados por Moscou, que se vendiam como testemunhas dos acontecimentos longínquos, seja por meio de viagens para um país percebido então como epicentro da revolução universal. E os líderes dos bolcheviques quiseram responder a essas esperanças por uma revolução organizando tudo segundo o seu modelo.

3 Assim resumido, com citações de José Ingenieros em: Néstor Kohan, Ni calco ni copia. Ensayos sobre el marxismo argentino y latinoamericano (Buenos Aires, 2000, p.46).

4 Idem., p.43-99. Mais detalhes sobre a reforma universitária de Córdoba e suas relações internacionais, com textos dos protagonistas, em Juan Carlos Portantiero, Estudiantes y política en América Latina: el proceso de la reforma universitaria, 1918-1938 (Ciudad de México, 1978).

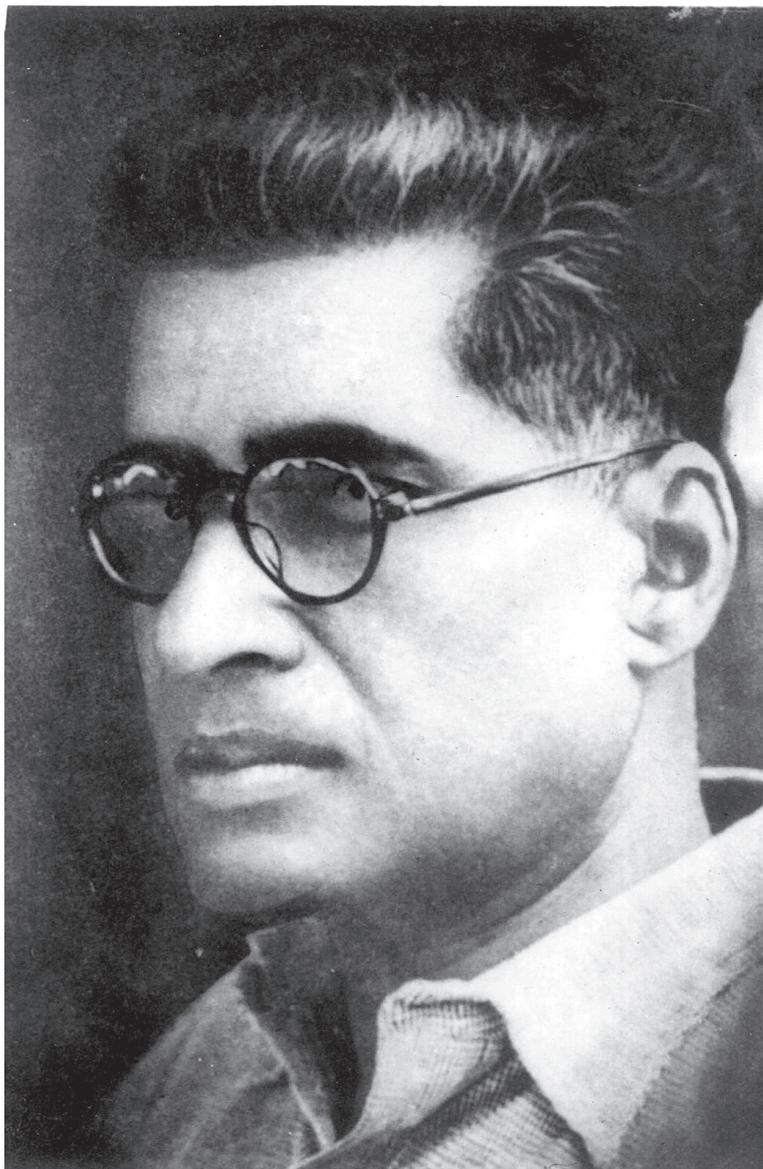
Emiliano Zapata, líder da Revolução Mexicana, liderou o Exército Libertador do Sul contra o ditador Porfirio Díaz.



INTEGRAÇÃO TARDIA À INTERNACIONAL COMUNISTA

Lênin e seus seguidores queriam que o instrumento da revolução mundial fosse a Internacional Comunista (Comintern) – segundo eles, o partido único do proletariado internacional, ao qual os próprios bolcheviques russos estavam formalmente subordinados. Nenhum delegado latino-americano participou da fundação da Comintern, em janeiro de 1919. No II Congresso da Comintern, em 1920, só o México estava representado – ainda assim, pelo indiano M.N. Roy e por um norte-americano. Na lista aprovada pelo Congresso dos vinte membros não russos do Comitê Executivo da Internacional Comunista não consta um único latino-americano.⁵ Naquele II Congresso foram aprovadas as famigeradas 21 condições para a admissão de partidos pela Internacional Comunista, condições essas que, em seguida, naturalmente também foram aplicadas a solicitações da América Latina, gerando numerosos conflitos. Entre os requisitos estava o de seguir a orientação da Comintern estruturada no “centralismo democrático” dos bolcheviques, assegurando um predomínio da executiva central, o que contemplava o direito de excluir seções inteiras de países. Foi aprovada também a luta impiedosa contra concorrentes políticos no seio do movimento dos trabalhadores, principalmente contra reformistas de todos os matizes, bem como o compromisso de construir uma estrutura paralela ilegal e realizar limpezas regulares no partido. Pouco se discutiu nos primeiros congressos da Comintern sobre o que poderia significar,

5 Günter S. Nollau, *Die Internationale (Colônia, 1959, p.55 et seq.)*.



O filósofo indiano Manabendra Nath Roy fundou os partidos comunistas do México e da Índia.

para comunistas latino-americanos, orientar-se pelo exemplo da Revolução Russa e obedecer a regras de organização. Já em janeiro de 1921, em um documento do Comitê Executivo da Internacional Comunista intitulado “Sobre a revolução na América: apelo à classe trabalhadora das duas Américas”, a América Latina foi associada à estratégia global do imperialismo norte-americano em ascensão, no sentido de que, apesar da independência formal, a região estaria se transformando cada vez mais em colônia dos Estados Unidos fornecendo fonte de recursos naturais, mão de obra barata e mercado consumidor. Em contraposição a isso, os partidos comunistas deveriam tentar estabelecer uma aliança

revolucionária entre o operariado – numericamente fraco – com a massa dos camponeses e trabalhadores rurais. “A revolução do proletariado e do campesinato pobre em qualquer país da América do Sul logo provocará a intervenção armada dos Estados Unidos, o que, por sua vez, torna necessária a intervenção do proletariado dos EUA.”⁶ Em uma resolução do IV Congresso Mundial da Comintern de 1922 também aparecem só a classe trabalhadora e os camponeses como classes revolucionárias. A burguesia dos diversos países da América do Sul era tida como irremediavelmente associada ao imperialismo norte-americano. “Lutem contra a sua própria burguesia e estarão combatendo o imperialismo *yankee* que representa o ponto culminante da reação capitalista.”⁷ Nesse caso, atribui-se aos comunistas da América Latina uma tomada de posição que

6 Michael Löwy, *Le marxisme en Amérique latine de 1909 à nos jours* (Paris, 1980, p.86).

7 *Idem*, p.90.

exclui qualquer compromisso com a burguesia, em analogia ao posicionamento de Lênin em 1917 e em absoluta contraposição à construção posterior de uma “burguesia nacional” no marxismo soviético oficial. Do relatório de atividades da executiva da Comintern para o período 1925/26 ainda consta a especificação de que as frações da burguesia a serviço do imperialismo poderiam ser um pilar dos interesses norte-americanos ou ingleses. A partir de 1927, a Comintern passou a enfatizar o acirramento dos contrastes entre os principais poderes imperialistas. A tese era de que desembocariam em uma grande guerra, um conflito que também poderia eclodir na América Latina, onde o capital inglês e o capital norte-americano ainda competiam por áreas de influência. Um conflito bélico de tais dimensões abriria novas possibilidades aos revolucionários da América Latina, da mesma forma como aconteceu com os bolcheviques durante a Primeira Guerra Mundial.

A AMÉRICA LATINA E O VI CONGRESSO MUNDIAL DA COMINTERN

Dez anos depois da Revolução de Outubro, a hipótese de uma nova guerra mundial prestes a eclodir mostrava para a Comintern justamente a América Latina como possível cenário, levando à “redescoberta” da região no VI Congresso Mundial. Em 1928, funcionários do aparato da Comintern que não eram latino-americanos tinham adquirido sólidos conhecimentos sobre o subcontinente. Cabe destacar o suíço Jules Humbert-Droz, que desde 1921 trabalhava na central da Comintern e também era o responsável no secretariado pela América Latina. Na sessão do VI Congresso da Comintern sobre questões de países latino-americanos, ele voltou a enfatizar o caráter semicolonial da região e analisou as consequências da competição entre a Inglaterra e os Estados Unidos pelo domínio na região. Humbert-Droz ressaltou que, no caso da América Latina, era um equívoco entender que os EUA manteriam um apoio contínuo a movimentos liberais contra os latifundiários, enquanto a Inglaterra favoreceria a resistência dos mesmos contra uma burguesia industrial ascendente. Ele sustentou que os próprios industriais

geralmente eram latifundiários e, ainda por cima, dependentes do capital externo, considerando pura ficção seu anseio por um desenvolvimento industrial autônomo. Dentro da visão leninista, Humbert-Droz considerava a burguesia incapaz de realizar a sua própria revolução burguesa-democrática, cabendo esta missão ao proletariado e ao seu partido. O VI Congresso da Comintern foi o primeiro e o último em que se apresentaram e discutiram (de maneira controversa) problemas fundamentais da revolução na América Latina. Dez meses depois foi realizada em Buenos Aires a primeira conferência dos Partidos Comunistas da América Latina. Jules Humbert-Droz ainda viajou para a Argentina na condição de representante da Comintern, embora já tivesse sido destituído por Stalin de seus poderes por ser seguidor de Bukharin, perdendo pouco depois também o seu assento no *presidium* da Comintern.⁸

8 Humbert-Droz atraiu o ódio de Stalin por ter sido contra a sua intervenção na briga pela liderança do Partido Comunista da Alemanha. Ernst Thälmann fora derrubado como líder do partido pelos seus camaradas, acusado de favorecer um companheiro corrupto, e Stalin resolvera interferir, anulando o ato.



Participantes do II Congresso da Comintern, realizado em Petrogrado e Moscou, em 1920.

A intervenção de “Luis”, codinome de Humbert-Droz, foi qualificada como positiva pelo historiador Boris Goldenberg, normalmente bastante crítico em relação ao comunismo, que a considerou um “marco intelectual do comunismo referente aos problemas daquela região do mundo, marco este que jamais voltou a ser atingido”⁹ Humbert-Droz deu sequência às suas interpretações anteriores sobre as consequências da dependência econômica, mas detalhou e aprofundou a análise de classes, principalmente na perspectiva dos trabalhadores rurais. Para ele, a grande massa dos ocupados na agricultura fazia parte do proletariado. Portanto, Humbert-Droz argumentou em prol de uma revolução social na América Latina, apontando para uma base bem mais ampla. A possibilidade da repetição da Revolução de Outubro foi extensamente discutida em Buenos Aires, tendo em vista a Colômbia. Poucos meses antes eclodira uma greve grande na zona de

plantação de bananas de Santa Marta, um enclave imperialista. A extensão desta mobilização e os motivos de seu fracasso foram amplamente debatidos na presença e com a participação de importantes representantes do Partido Socialista Revolucionário.¹⁰ O representante da Comintern, Humbert-Droz, tentou mostrar que era possível formar soviets no âmbito dos conflitos colombianos: “A palavra é de origem russa e tenho a impressão de que alguns camaradas imaginam ser bastante complicado formá-los, já que se trata de uma importação de um ambiente diferente. Vejamos as coisas de forma prática e tomemos como exemplo a greve dos trabalhadores nas plantações de bananas. Na Colômbia existiu um comitê de greve de sessenta camaradas, representantes de diferentes setores da zona [...]. Em suas mãos estava concentrado todo o poder da greve

9 Boris Goldenberg, *Kommunismus in Lateinamerika [Comunismo na América Latina]* (Stuttgart, 1971, p.69).

10 Ver detalhes em Klaus Meschkat, *Marxismus in Kolumbien. Zum Verhältnis von Revolutionstheorie und sozialer Bewegung [Marxismo na Colômbia. Sobre a relação entre teoria revolucionária e movimento social]* (Hanôver, 1980, p.59-67).

e, em um determinado momento, todo o poder da região [...]. Quando os soldados confraternizaram com os grevistas e ofereceram suas armas, deveriam ter feito a eleição de representantes dos soldados para o comitê central, e no momento em que o poder civil e administrativo da região se dissolveu, o comitê de greve poderia ter decidido transferir todo o poder da região para o comando do comitê de greve de operários e soldados. Os prédios públicos poderiam ter sido ocupados, criando-se comitês locais em cada região, em cada centro, a fim de coordenar não apenas a greve e a ação revolucionária, mas toda a vida pública. Então, teríamos um comitê de greve que funciona como soviete e que se transforma no soviete da respectiva região. Isso não é muito complicado!¹¹ Os soviets deste tipo, portanto, não deviam

11 El Movimiento revolucionario latinoamericano: versiones de la Primera Conferencia Comunista Latinoamericana (Buenos Aires, 1929, p.93).

ser compreendidos como imitação de um exemplo russo, e sim como expressão de um movimento colombiano autônomo, o qual, por seu turno, enfrentou a incerteza sobre as implicações de uma fusão com grupos militares liberais prontos para colaborar com a revolta. Em vez de aproveitar o momento de maior força do movimento de massa, esperou-se uma revolução preparada de cima e executada segundo o receituário conspirativo de caudilhos liberais. Tendo a Revolução Russa como norte, os socialistas colombianos esperavam uma orientação para superar a dependência de especialistas burgueses em golpes. O sentido do lema “todo poder aos soviets” podia ser transposto à revolta na zona da banana, não como apelo para a criação de formações artificiais segundo padrões importados, e sim como determinação de tarefas para órgãos revolucionários já existentes sob a forma de comitês de greve dos trabalhadores e soldados.

ENTRE STALINISTAS E POPULISTAS

Uma tal volta criativa à Revolução de Outubro ainda parecia possível para um intelectual da Comintern (já destituído do seu poder em Moscou) – talvez pela última vez. À época, essa convicção ainda estava ligada à fé na atualidade da revolução, à possibilidade real de transformar a próxima guerra imperialista em uma guerra civil e, assim, conseguir chegar ao poder com um partido de revolucionários decididos, na trilha do exemplo de Lênin. Dentro do rumo forçado por Stalin a fim de estabelecer o seu poder único, a questão do partido do proletariado se tornou mais importante do que a das alianças de classes e do papel dos soviets, inclusive nos encontros dos comunistas latino-americanos. Essa posição tornou incendiária a pergunta sobre a recusa dos delegados peruanos de rebatizar seu Partido Socialista em Partido Comunista. Foi mais do que uma mera briga por palavras. Era a bolchevização de um partido que precisava ser expurgado de todos os elementos ideológicos oscilantes antes de poder ser adotada pela Comintern como membro pleno. Como José Carlos Mariátegui, fundador do partido e seu principal teórico, não pôde viajar para Buenos Aires por motivos de doença, foi difícil para os

peruanos que o substituíram apresentar e defender uma posição contrária à linha anunciada pelos representantes oficiais da Comintern.¹² Mariátegui, à época o pensador marxista mais importante da América Latina, defendia o conceito de um partido de massa que não deveria se limitar a um núcleo de quadros já experimentados – e, por isso, voltou-se contra o novo nome de seu Partido Socialista, porque a designação “comunista” já na época poderia espantar novos membros a serem conquistados. Essa diferença de opinião, no entanto, não mudou em nada o fato de que ele considerava necessário um partido de classe proletário, disposto a se curvar à disciplina da Comintern.¹³ A postura o diferenciou fundamentalmente de seu grande adversário Victor Raúl Haya de la Torre, o qual, como líder estudantil no Peru, tornara-se porta-voz do

12 Ver uma apresentação resumida das polêmicas e discussões na conferência de Buenos Aires na introdução de Eleonore von Oertzen (org.), José Carlos Mariátegui. Revolution und peruanische Wirklichkeit. Ausgewählte politische Schriften [José Carlos Mariátegui, revolução e realidade peruana. Escritos políticos seleccionados] (Frankfurt am Main, 1986).

13 Ver Jürgen Mothes, Lateinamerika und der «Generalstab der Weltrevolution» [A América Latina e o Estado-Maior da Revolução Mundial] (Berlim, 2010, p.197-237).

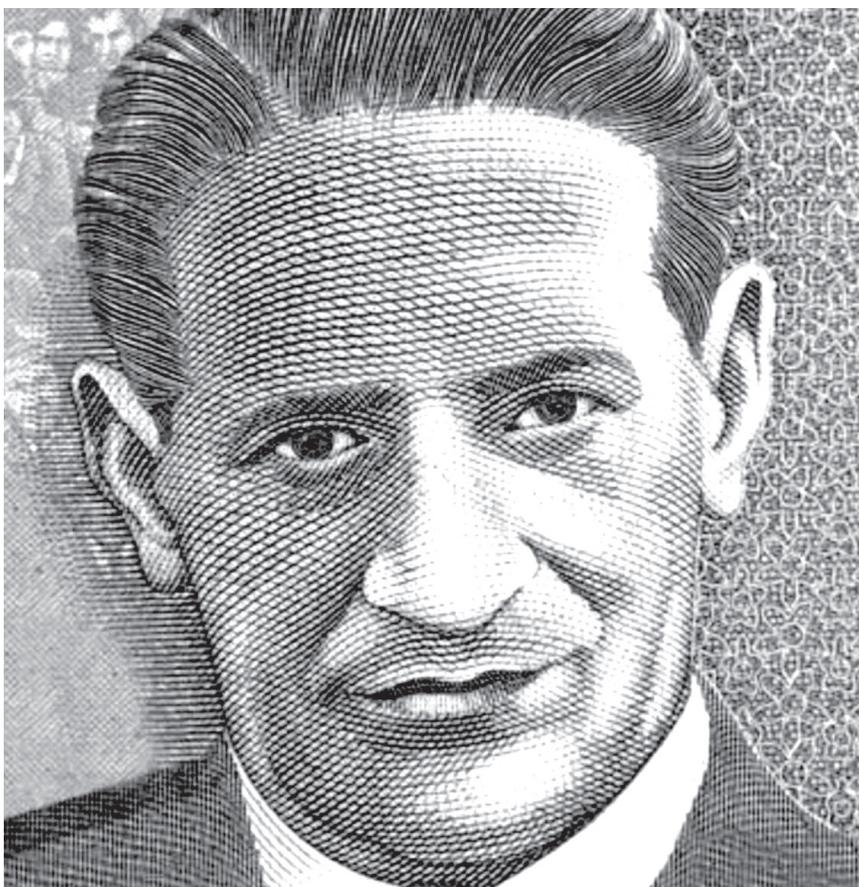
movimento de reforma universitária, compartilhando experiências conjuntas com Mariátegui na organização de universidades populares. Mas Haya ficou decepcionado com os pequenos partidos comunistas existentes e se ofereceu como líder de um novo movimento latino-americano chamado Aliança Popular Revolucionária Americana (Apra), que ele fundou em 1924, quando estava exilado no México. A ideia era que a Apra, com a sua meta anti-imperialista, estivesse acima das classes sociais, incluindo principalmente a pequena burguesia. Em 1925, Haya de la Torre passou um período na União Soviética e buscou aproximar-se da cúpula da Comintern.¹⁴ Ele também se referiu reiteradas vezes a Lênin e ao exemplo da Revolução de Outubro. Compartilhou a ideia de Lênin de partido como ferramenta disciplinada para conquistar o poder. Mas já não pretendia mais buscar na Rússia o líder indispensável de uma revolução que ultrapassasse as

fronteiras nacionais – o próprio Haya de la Torre pretendia ser líder de um pequeno grupo de combatentes decididos a preparar o rompimento revolucionário com a velha ordem no subcontinente. “Não podemos perder a coragem. Cinco russos abalaram o mundo. Somos vinte e podemos sacudir a América Latina.”¹⁵ Fundamentado em tal autoestima, Haya de la Torre tornou-se o primeiro protagonista do populismo latino-americano, proclamando um anti-imperialismo próprio que não queria se submeter a Moscou. Enquanto no início dos anos 1930 a Apra ascendeu e se tornou um partido de massa, os seguidores da Internacional Comunistas na maioria dos países latino-americanos permaneceram isolados. A “guinada para a esquerda” de Stalin com o lema “classe contra classe” foi motivada sobretudo pelas dissensões internas no partido russo em torno da exclusão dos seguidores de Nikolai Bukharin, rotulados de dissidentes de direita. Isso levou à difamação de todos os adversários, chamados de “socio-fascistas”. Na Alemanha, isso desembocou na consequência catastrófica de que o partido comunista não foi capaz de se aliar ao partido SPD contra a ameaça nazista. Da mesma forma, em nome da pureza proletária, começou-se a designar pejorativamente sobretudo os “reformistas” e os “pequenos burgueses” na América Latina. Foi o que aconteceu com a Apra que, por sua vez, reagiu com uma polêmica anticomunista afiada, afirmando que era pura ficção a fantasia de que uma guerra entre os poderes imperialistas (Inglaterra e EUA) pudesse resultar numa constelação tal na América Latina que, uma década depois do rompimento provocado pelos bolcheviques, fosse possível uma transformação revolucionária segundo o exemplo russo. Com a vitória de Stalin sobre seus adversários abriu-se mão também do preceito da prioridade da revolução global.



¹⁵ Carta de Haya de la Torre a Eudocio Ravines, 17/10/1926, cit. Cf. Oertzen, José Carlos Mariátegui, p.39

José Carlos Mariátegui, um dos principais pensadores latino-americanos, defendia um partido de massas em vez de um agrupamento de quadros experimentados.



Jorge Eliécer Gaitán, político liberal colombiano, apesar de defender bandeiras social-democratas, enfrentou a ferrenha oposição dos comunistas.

liderança única. No início dos anos 1930, o lema “classe contra classe” impediu qualquer tipo de aliança política que estivesse acima das classes, prejudicando partidos comunistas que, depois de um início esperançoso, viram-se reduzidos a seitas. Dessa forma, por exemplo, os comunistas colombianos não conseguiram enxergar em 1930 que era importante também para os trabalhadores pôr um fim à dominação conservadora de várias décadas, dando sua voz ao candidato liberal nas eleições presidenciais. E quando Jorge Eliécer Gaitán, líder de uma facção liberal de esquerda,

A partir de então, a prioridade dos partidos comunistas no mundo inteiro passou a ser a defesa da União Soviética enquanto primeiro – e durante muito tempo, único – Estado socialista do mundo. Porém, um ponto central do exemplo da revolução bolchevique foi mantido: a inevitabilidade de um partido do proletariado monolítico, estruturado segundo as regras do centralismo democrático e capacitado unicamente por sua severa disciplina a intervir politicamente sob uma

apresentou-se como candidato alternativo com um programa de reformas de coloração social-democrata, foi imediatamente rotulado de arqui-inimigo e social-fascista. Nos anos 1930, não havia lugar na América Latina em que se pensasse em uma ofensiva revolucionária segundo o exemplo da Revolução de Outubro, com exceção do sangrento levante em El Salvador em 1932, que, no entanto, não foi orientado pela Comintern.

GUINADA PARA A “FRENTE POPULAR”

A correção de rumo da Comintern não passou pela análise de numerosos fracassos na América Latina, mas partiu do interesse da União Soviética depois da ascensão de Hitler de realizar amplas alianças contra o fascismo, o que incluía setores da burguesia. O VII (e último) Congresso Mundial da Comintern, em 1935, formalizou a política da “frente popular”. Assim sendo, os comunistas – também na América Latina

– deveriam aspirar por governos de frente popular apoiados ou integrados pelos comunistas. Isso significou abrir mão das tentativas de conquistar o poder pela via do golpe armado, seguindo o exemplo da Revolução de Outubro. A única exceção foi o Brasil, onde, em 1935, houve uma tentativa de levante contra o presidente populista Getúlio Vargas, apoiado pela Comintern. Mas o levante fracassou desde o início e levou à



O líder soviético Joseph Stalin e o chanceler nazista Ribbentrop cumprimentam-se após a assinatura do pacto de não agressão, em agosto de 1939.

consolidação de um regime autoritário, com decretação do Estado de Sítio.¹⁶ Em outros países, como na Colômbia, os comunistas se apoiaram no conceito da frente popular e passaram a apoiar governos burgueses-liberais, perdendo cada vez mais o espaço para a ação autônoma.¹⁷ Só no Chile foi constituído, em 1938, um governo de frente popular segundo padrão europeu, o qual,

¹⁶ Goldenberg, *Kommunismus in Lateinamerika* [*Comunismo na América Latina*], p.196-217.

¹⁷ Meschkat, *Marxismus in Kolumbien* [*Marxismo na Colômbia*], p.89-126.

no cômputo geral, foi bastante ambíguo.¹⁸ A guinada para a cooperação entre classes sob o signo antifascista, que, num primeiro momento, parecia tática, ganhou uma justificativa generalizada no marxismo-leninismo de coloração stalinista, no sentido de que em países coloniais e semicoloniais somente seria possível realizar uma revolução nacional-democrático em etapas que levasse ao poder um bloco consistente de proletariado, camponeses, pequena burguesia e burguesia nacional.

Tal renúncia às posições de Lênin de 1917 continuou em vigor – com algumas variações – nos países comunistas também na América Latina até o fim da União Soviética. A principal prioridade cabia sempre à defesa da União Soviética e à ampliação de sua área de influência, vista como decisiva para a progressão do socialismo. Isso acarretou uma obediente repetição de todas as manobras da política externa soviética, como nos dois anos do pacto entre Stalin e Hitler entre o início da Segunda Guerra Mundial e o ataque à União

Soviética, quando de repente desapareceu a justificativa antifascista da política da Comintern. Depois, com a coalizão anti-Hitler, Stalin quis tornar factível a renúncia às ambições de uma revolução global quando, em 1943, dispôs sobre a dissolução da Internacional Comunista.

¹⁸ Goldenberg, *op. cit.*, p.196-217.

A REEDUCAÇÃO DOS QUADROS LATINO-AMERICANOS

O regime de Stalin já se divorciara visivelmente do legado da Revolução de Outubro antes, quando quase todos os relevantes companheiros de Lênin foram condenados à morte e executados nos processos de 1936 a 1938, entre eles os ex-presidentes do comitê executivo da Comintern, Zinoviev e Bukharin. Leon Trotsky, o organizador da Revolução de Outubro e depois do Exército Vermelho, foi enviado para o exílio por Stalin e assassinado em 21 de agosto de 1940 no México por um agente a mando de Stalin, que se apresentou então como único herdeiro legítimo de Lênin na Rússia. Os partidos comunistas da América Latina seguiram a sua falsificação da história da revolução. Desde o final dos anos 1920, vários revolucionários latino-americanos da escola leninista da Comintern foram reeducados no espírito stalinista.¹⁹ Depois de sua volta para a Colômbia, Ignacio Torres Giraldo escreveu as reminiscências sobre os cinquenta meses que passou em Moscou no início dos anos 1930 e que revelam o quanto esse período o marcou: a glorificação de Stalin, junto com a demonização do grande adversário Trotsky, o relato aprobatório dos processos, o distanciamento, sem discordar, do líder Georgi Borisovich Skalov (“Sinani”), responsável pela América Latina e que depois foi executado como suposto agente trotskista.²⁰ A falta de qualquer crítica nos expurgos stalinistas em Torres Giraldo e outros pode encontrar explicação pelo fato de que nenhum dos comunistas latino-americanos que então viviam em Moscou foi vítima da repressão, ao contrário do que aconteceu com os alemães e principalmente com os quadros do partido comunista polonês; a maioria deles não sobreviveu ao terror stalinista. Para os comunistas da era da Frente Popular, era mais fácil aceitar parceiros aliados declaradamente burgueses do que líderes populistas que tentavam competir no campo de batalha na justiça social.

Esses concorrentes costumavam ser rotulados como fascistas, na esteira da acusação anterior de sociofascista, mas costumavam ter muito mais sucesso na mobilização das massas proletárias. Tal fenômeno foi especialmente impressionante na Argentina, onde Juan Domingo Perón – primeiro, num regime militar, depois, como presidente eleito – conseguiu realizar melhorias consideráveis para a maioria da população. Com isso, recebeu o apoio da maioria da classe trabalhadora, que se manteve peronista ao longo de décadas, enquanto o Partido Comunista da Argentina representava uma minoria insignificante em termos numéricos, tanto nos sindicatos como nas eleições gerais. Apesar de invocarem Lênin constantemente, os partidos comunistas latino-americanos orientados por Moscou não puderam afirmar a sua posição de monopólio enquanto herdeiros da Revolução de Outubro, pois Lênin também era invocado pelos seguidores de Trotsky, cujo papel de liderança ao lado de Lênin não pode ser negado por nenhum historiador sério, embora o seja por stalinistas. Os trotskistas sempre se viram como os verdadeiros e os melhores leninistas. A história do trotskismo, a bem da verdade, é também uma história de cisões, cuja descrição detalhada aqui seria excessiva. Seja como for, houve latino-americanos que se destacaram na IV Internacional, suas tendências polêmicas e cisões, como os argentinos Nahuel Moreno e Juan Posadas. Influente em um primeiro momento, Posadas se catapultou rapidamente para segundo plano com suas teses bizarras sobre a necessidade de uma guerra atômica como primeiro passo para uma revolução socialista ou sobre o papel dos extraterrestres (que já estariam entre nós) para a organização de uma nova sociedade. Moreno, por sua vez, ainda é respeitado entre as esquerdas argentinas até hoje, 30 anos depois de sua morte. Em seus escritos programáticos, Moreno volta e meia se referia à Revolução Outubro, entre outros motivos, para justificar sua rejeição à estratégia da guerrilha em favor de uma mobilização permanente do operariado.

19 *Sobre a Colômbia, ver a coletânea de documentos Liquidando el pasado (organização: Klaus Meschkat e José María Rojas, Bogotá, 2009).*

20 *Ignacio Torres Giraldo, Cincuenta meses en Moscú (Calí, 2005).*

SINDICALISMO TROTSKISTA NA BOLÍVIA

Se os conflitos polêmicos entre pequenos grupos trotskistas muitas vezes eram distantes da realidade do respectivo país, na Bolívia foi diferente. Ali, os trotskistas tiveram papel de liderança nas organizações de mineiros e tiveram participação ativa na revolução de 1952. A sua influência fica nítida na biografia de Guillermo Lora Escobar, que proclamou a ditadura do proletariado como objetivo do Partido Operário Revolucionário (POR) e, já em 1946, redigiu as *Teses de Pulacayo*, em que o sindicato dos mineradores se fundamentava em um “sindicalismo trotskista”. Na revolução de 1952, o POR pressionou pela estatização das minas com administração própria por parte dos trabalhadores. O exército chegou a ser temporariamente substituído por milícias de trabalhadores. Em 1971, em nova onda de radicalização, Lora voltou a ser o protagonista de uma breve assembleia popular de delegados operários e camponeses que ele considerou o primeiro soviete da América Latina. Embora depois da morte de Stalin a liderança soviética tenha pretendido manter o legado da Revolução de Outubro, a “coexistência pacífica” visava o fortalecimento do “campo socialista”, o que, no fundo, excluía a ligação com as concepções revolucionárias de Lênin. Assim, os impulsos revolucionários partiram de grupos de fora do comunismo partidário orientado por Moscou. No campo teórico, eram as variantes marxistas da teoria da dependência que, provando a incapacidade de reforma do capitalismo dependente, apontavam o caminho da revolução como única saída possível. Este caminho acabou sendo trilhado pela Revolução Cubana: um grupo de revolucionários decididos ousou um

levante armado e derrubou o regime vigente – em um primeiro momento, em nome do restabelecimento da democracia. Só mais tarde, depois da fusão deste movimento com o Partido Comunista Cubano, proclamou-se um entendimento de revolução marxista-leninista, com o obrigatório monopólio de um partido único de Estado. Seja como for, é mais fácil encontrar uma afinidade com o modelo da Revolução de Outubro entre os grupos castristas que surgiram depois da vitória de Fidel Castro do que entre os ideólogos do suposto superpoder socialista da União Soviética ou de seus rivais chineses. Tal eco das *Teses de abril* de Lênin também pode ser encontrado na teoria do foco, a codificação da experiência cubana – e apoiada principalmente em Che Guevara – do intelectual francês Régis Debray, no sentido de que um grupo de combatentes decididos pôde iniciar a luta armada com perspectiva de sucesso, ainda que as relações de força objetivas pareçam ser desfavoráveis. Em linhas gerais, a admiração irrestrita pelo bem sucedido modelo cubano basta para fundamentar uma prática de guerrilha, sendo que a referência à Revolução Russa parece longínqua e até dispensável. É preciso dizer, no entanto, que a propaganda do movimento chileno da esquerda revolucionária dos tempos de Allende (Movimento de Esquerda Revolucionária – MIR) se referia explicitamente a 1917. E, na expectativa da revolução que ainda estava por acontecer, refletia-se publicamente sobre em que mês da Revolução Russa (entre fevereiro e outubro) o Chile se encontrava em 1973. Com o golpe de Pinochet a contabilidade revolucionária tornou-se inócua.

O REVERSO DA MEDALHA DA VENERAÇÃO DA UNIÃO SOVIÉTICA

Em 1990, depois da queda do Muro de Berlim, começou a se dissolver o grande império que resultou da Revolução de Outubro. Nos setores de esquerda da América Latina, não só nos partidos comunistas feis a Moscou, o fato foi quase sempre visto como catástrofe e como fracasso de todas as esperanças de uma virada revolucionária, no sentido de

que o fim da União Soviética seria o fim do socialismo. Assumir, sem crítica, a terminologia de ideólogos burgueses vitoriosos foi uma espécie de reverso da medalha da anterior veneração da União Soviética enquanto pátria do operariado, desde sempre a acepção dominante no comunismo latino-americano. Faremos mais um breve retrospecto.



Moradores da Alemanha Ocidental se reúnem em uma abertura recém-criada no muro de Berlim, na Potsdamer Platz, em novembro de 1989.

Em fevereiro de 1918, Luis Emilio Recabarren, fundador do Partido Comunista do Chile, escreveu sobre a Revolução de Outubro: “O sonho, a utopia daqueles loucos chamados de socialistas, não apenas se torna realidade neste dia, como também se transforma na fonte de todo progresso e da felicidade humana”²¹ Em 1922, o próprio Recabarren viajou a Moscou e publicou no ano seguinte um relatório sobre a Rússia dos operários e dos camponeses que reproduz a autorrepresentação propagandística dos bolcheviques, sem enxergar as contradições internas do poder.²² A crítica dos anarquistas é rotulada simplesmente de contrarrevolucionária, e o principal ensinamento da Revolução de Outubro para o Chile, segundo ele, consistia em que até em circunstâncias adversas um partido comunista disciplinado consegue engendrar uma virada revolucionária.

21 Cf. Iván Ljubetic, Recabarren y la Revolución Rusa de 1917 (2007, disponível em: www.luisemiliorecabarren.cl).

22 Luis Emilio Recabarren, La Rusia obrera y campesina (Santiago de Chile, 1923). O fato de que uma apreciação crítica da Rússia soviética por parte de um visitante estrangeiro de esquerda era possível é revelado pelo relato de 1920 de Bertrand Russel, Die Praxis und Theorie des Bolschewismus [Teoria e práxis do bolchevismo] (Darmstadt, 1987).

Os comunistas da América Latina sempre se basearam nessa profissão de fé. O ano de 1990 não marcou apenas o fim da União Soviética. Na Nicarágua, onde uma década antes uma organização político-militar conseguira derrubar uma ditadura fiel aos Estados Unidos, os sandinistas se viram obrigados a devolver o poder depois de derrotados em eleições livres. Ao fomentar os “contras”, os Estados Unidos conseguiram desestabilizar um regime com metas socialistas espelhadas no exemplo cubano. Com isso, surgiu um claro limite para tentativas de revolucionários de esquerda em tentar conquistar o poder pela via da luta armada em um país latino-americano. A continuidade da guerrilha colombiana não se constituiu em prova contrária duradoura. Nem mesmo a sangrenta guerra civil em El Salvador acabou com a vitória da guerrilha local, e sim com o acordo de paz em 1992, que manteve basicamente inalteradas as condições econômicas e sociais. Já o levante dos zapatistas em Chiapas em 1994 revelou novos traços: não se orientou mais pelo exemplo da Revolução Russa de Outubro, porque já não visava mais a conquista do poder governamental central.



Subcomandante Marcos, comandante Ramona e outros zapatistas durante o processo de paz em 1994.

KROPOTKIN E CHÁVEZ

Foi só na virada do milênio que a vitória de presidentes progressistas em diversos países latino-americanos produziu uma nova transição para a esquerda, cujo caráter conjuntural, no entanto, somente agora aparece com nitidez. Hugo Chávez na Venezuela, Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil, Néstor Kirchner na Argentina, Tabaré Vázquez no Uruguai, Evo Morales na Bolívia, Rafael Correa no Equador ou Fernando Lugo no Paraguai, todos chegaram ao topo do poder não por meio de luta armada, e sim de eleições livres. O destaque, até sua morte, cabe a Hugo Chávez na Venezuela, eleito em 1998 e que, depois de indiscutíveis êxitos iniciais, começou a anunciar a partir de 2005 um “Socialismo do século XXI”, levando forçosamente a uma comparação com o socialismo do século XX iniciada pela Revolução de Outubro.

A relação de Chávez com esse legado foi bastante ambígua. Consciente das deformações da Revolução Russa já nos tempos de Lênin, Chávez se distanciou verbalmente do stalinismo e até do marxismo-leninismo da ortodoxia comunista que foi e é doutrina de Estado cubano. Por

outro lado, adotou, a partir dessa doutrina, a posição de monopólio do partido único, inserindo-se, assim, na tradição do socialismo “real” fundada por Lênin e continuada por Stalin, tendo Cuba como elo. Ao se arvorar em criador e líder deste partido único, equiparando, sem o menor pudor, “Chávez com povo” logrou uma espécie de fusão entre o conceito partidário leninista com a tradição caudilhesca latino-americana, da forma como ocorreu com Perón na Argentina e Gaitán na Colômbia. O que se inseriu na constelação russa de 1917 foram os conselhos comunais na Venezuela, sendo que a sua criação implicou uma variação da estratégia do duplo poder do qual, no entanto, Chávez não conseguiu colher êxitos. As inúmeras pequenas unidades de autoadministração na base deviam ser um contrapeso às instituições (Assembleia Nacional, governadores, representações municipais), ainda em grande parte dominadas pelos partidos tradicionais. A ideia era que, com os conselhos, haveria um deslocamento do poder em favor do presidente, o qual, sustentado por uma base organizada, teria mais facilidades para realizar transforma-

ções revolucionárias de cima para baixo. Embora Chávez não tenha usado o lema “todo o poder aos soviéticos”, sua estratégia visava substituir a coexistência de elementos de democracia representativa e participativa (prevista na Constituição) por uma pura democracia baseada em conselhos.

Simultaneamente aos conselhos comunais foi fundado, em 2006, o Partido Socialista Único da Venezuela (PSUV). Com isso, obrigatoriamente foi para a ordem do dia a relação entre partidos e conselhos, lembrando os primórdios da Revolução de Outubro. É digno de nota que o próprio Chávez tenha voltado àquela pré-história soviética. Em uma longa fala pública, ele citou uma carta do anarquista russo Peter Kropotkin a Lênin, datada de 1920, que se queixava de o poder do partido ter destruído uma verdadeira democracia baseada em conselhos. Chávez se volta para os seus seguidores, em sua maioria membros do recém-fundado PSUV, desafiando-os a jamais permitir que o partido domine os “*consejos comunales*”²³

23 Ver Andres Antillano, *Populare Macht und bolivari-anische Revolution. Was wir von der partizipativen Demokratie in Venezuela lernen können. In: LuXemburg 2/2016, p.90-97. Disponível em: www.rosalux.de/publikation/id/8612/klasse-verbinden/.*

daquela maneira, acabando com eles.²⁴ Mas esses temores e apelos, que revelam grande sabedoria, se mostraram infrutíferos, porque, diante das circunstâncias na Venezuela, os conselhos comunais mal tinham autonomia. Estavam inseridos em um modelo econômico extrativista, em que só o topo do governo tem acesso imediato aos principais recursos do país e pode distribuir boa parte deles a seu bel-prazer de cima para baixo.

Ainda que tenham nascido de iniciativas de base, os conselhos comunais são em primeira linha receptores de subsídios para projetos que, na melhor hipótese, podem administrar democraticamente no nível local. Uma democracia baseada em conselhos subvencionados desse tipo pouco tem a ver com os conselhos operários e de soldados da Revolução Russa de 1917. Mais do que isso: tem pouquíssimo potencial de criar estruturas democráticas de baixo para cima numa via federativa em que, por exemplo, um congresso supremo de conselhos pudesse submeter mesmo o governo central a um controle efetivo, obrigando-o a prestar contas sobre suas medidas e omissões.

24 Ver Hugo Chávez, *Leyendo la carta de Kropotkin a Lenin* (www.youtube.com/watch?v=8Ohzy-DaiAU).



Os ex-presidentes Hugo Chávez (Venezuela), Néstor Kirchner (Argentina) e Luiz Inácio Lula da Silva (Brasil) – durante encontro na Granja do Torto, em 2006 – foram expoentes da nova onda da esquerda na América Latina.



Lenin discursa em manifestação na Praça Vermelha, em outubro de 1917.

Hugo Chávez e outros líderes de regimes progressistas ficaram no meio do caminho na tentativa de refletir sobre os ensinamentos da Revolução Russa de 1917 – mesmo no esforço de se ressuscitar a ideia de conselhos, ninguém chegou até a questão de que maneira isso poderia ser feito, ou seja, como se poderia corrigir decisões equivocadas dos chefes supremos da nação, diante da ausência de instâncias parlamentares de controle.

Olhar retrospectivamente para a Revolução de Outubro e os seus desdobramentos parece ser uma questão da maior atualidade também para a América Latina – mas não sob o ponto de vista anterior, sobre quais receitas podem ser tomadas emprestadas aos bolcheviques e à sua atuação com fins de conquistar o comando do poder central do Estado.

Muito mais relevante é a questão de “como”, depois de uma revolução armada bem-sucedida ou de uma vitória

espetacular nas urnas, pode-se impedir que os vitoriosos estabeleçam novas formas de arbitrariedade que já carregam em si o germe da autodestruição. A história da União Soviética também precisa ser estudada pelos setores de esquerda da América Latina – para que não seja mais repetida.

* **Klaus Meschkat**

sociólogo e historiador. Foi professor na Universidade de Antioquia na Colômbia (1969/70) e, entre outros cargos acadêmicos, começou a trabalhar em 1973 como professor na Universidade de Concepción, no Chile. Depois do golpe que depôs Salvador Allende, foi preso, levado para a Ilha Quiriquina pelo governo militar do general Augusto Pinochet e expulso do país. De volta à Alemanha, foi professor de Sociologia na Universidade de Hanôver com ênfase na História da América Latina até se aposentar. Leia mais sobre o autor neste link: <http://rosaluxspba.org/o-marxismo-nao-e-uma-formula-pronta/>.

PONTO DE DEBATE

Fundação Rosa Luxemburgo

Edição n.14, setembro de 2017

ISSN 2447-3553

Ponto de Debate é uma publicação editada pela Fundação Rosa Luxemburgo com o apoio de fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica da Alemanha (BMZ). Abre espaço para o debate de temas sob a diretriz Bem Viver no Brasil e no Cone Sul: direitos humanos e da natureza na perspectiva de transformação, justiça social e justiça ambiental.

Todos os artigos são de responsabilidade exclusiva das pessoas que os assinam, não refletindo, necessariamente, a opinião da FRL.

Esta obra possui a licença Creative Commons 3.0 BY-NC-ND (Atribuição – Uso não comercial – Não a obras derivadas).



Diretor: Gerhard Dilger
Coordenação editorial: Gerhard Dilger e Jorge Pereira Filho
Tradução: Kristina Michahelles
Revisão: Daniel Santini
Projeto gráfico: Fabiano Battaglia
Tiragem: 1000 exemplares

Rua Ferreira de Araújo, 36
 CEP 05428-000 São Paulo (SP) Brasil
rosaluxspba.org

**FUNDAÇÃO
 ROSA
 LUXEMBURGO**